

## **Simpósio Especial - SE 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - 33RBA**

### **SE01. 10 anos das Ações Afirmativas no Brasil: Permanência, Continuidades e Perspectivas numa prática de uma Antropologia Antirracista - PARTE 1**

**Coordenação:** Sônia Beatriz dos Santos (UERJ), Suzana Cavalheiro de Jesus (UNIPAMPA)

#### **Sessão 1 - 10 Anos das Ações Afirmativas no Brasil: Impactos e Desdobramentos na Antropologia**

**Participante(s):** Aluizio de Azevedo Silva Júnior (Ministério da Saúde), Carlos Benedito Rodrigues da Silva (NEAB-UFMA), Gersem José dos Santos Luciano (UnB)

**Debatedor(a):** Guillermo Vega Sanabria (UFBA)

#### **Sessão 2 - Interfaces no Ensino da Antropologia na Emancipação de uma Educação Antirracista: Educação Básica e Ensino Superior**

**Participante(s):** Felipe Sotto Maior Cruz (UNEB), Flavia Medeiros Santos (UFSC), Tatiane Vieira Barros (IFCE)

**Debatedor(a):** Messias Moreira Basques Junior (ALARI Harvard University)

#### **Sessão 3 - Novos debates e velhos dilemas: Como pensar os avanços das ações afirmativas na popularização, ensino e aprendizagem da Antropologia**

**Participante(s):** Ana Gretel Echazú Böschemeier (UFRN), Neusa Maria Mendes de Gusmão (Unicamp), Renata Albuquerque (Faculdade Cásper Líbero), Sandra de Fátima Pereira Tosta (UFOP- MG)

#### **Resumo:**

A proposta deste Simpósio Especial pela Comissão de Educação, Ciência e Tecnologia, está assentada numa proposição de continuidades dos debates remetidos durante o biênio de atuação deste grupo. Nele buscamos fortalecer uma rede de pesquisadores e pesquisadoras, indígenas, negros(as), quilombolas, ciganos (as), envolvidos nos processos sociais em tela, para debaterem alguns temas que nos parecem centrais no contexto, ressaltando a importância de pensar a diversidade nos espaços de construção de saberes e ciências em temas centrais para a educação pluriépistêmica e antirracista. À implementação de cursos de licenciatura intercultural indígena em instituições estaduais e federais e das ações afirmativas, têm mostrado o efeito dessas políticas públicas na crescente presença nas universidades de populações culturalmente distintas e historicamente excluídas da academia. Deste modo compreender o lugar da Antropologia nesse processo de retomada nos diferentes modos de fazer Antropologia nos instiga a compartilhar este espaço em três sessões e uma roda de conversa, as quais têm como centralidade a Antropologia e a Lei de nº 12.711/12. Os temas da pluralidade, da diferença, do racismo e da descolonização são centrais para este debate, os quais, a partir das diversas experiências fundamentam os saberes e a ciência produzida em várias escalas na Antropologia brasileira.

### **SE02. 10 anos das Ações Afirmativas no Brasil: Permanência, Continuidades e Perspectivas numa prática de uma Antropologia Antirracista - PARTE 2**

**Coordenação:** Carla Ramos Munzanzu (UFOPA), Edilma do Nascimento Souza (UNIVASF)

**Sessão 1 - As construções de uma Antropologia Brasileira Antirracista: as retomadas do fazer, aprender e ensinar antropologia**

**Participante(s):** Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC), Antônia Gabriela Pereira de Araújo (Harvard)

**Debatedor(a):** Joziléia Daniza Jagso Inacio Jacodsen Schild (UFSC)

**Sessão 2 - Antropologia no debate transversal da interdisciplinaridade na elaboração de conhecimentos**

**Participante(s):** Celia Regina Xavier de Castro (ILÊ OMIOJUARO)

Luane Bento dos Santos (SEEDUC-RJ)

Marcilânia Alcântara (SEM/SOUSA-PB)

**Debatedor(a):** Luiz Alberto Alves Couceiro (UFMA)

**Sessão 3 - Tessituras das “Antropologias” Brasileira em diálogo com propostas da Educação Antirracista: Perspectivas sobre as graduações em Antropologia**

**Participante(s):** Antonella Maria Imperatriz Tassinari (UFSC), Kelly Emanuely de Oliveira (UFPB)

**Debatedor(a):** Flávia Ferreira Pires (UFPB)

**Resumo:**

A proposta deste Simpósio Especial pela Comissão de Educação, Ciência e Tecnologia, está assentada numa proposição de continuidades dos debates remetidos durante o biênio de atuação deste grupo. Nele buscamos fortalecer uma rede de pesquisadores e pesquisadoras, indígenas, negros(as), quilombolas, ciganos (as), envolvidos nos processos sociais em tela, para debaterem alguns temas que nos parecem centrais no contexto, ressaltando a importância de pensar a diversidade nos espaços de construção de saberes e ciências em temas centrais para a educação pluriepistêmica e antirracista. À implementação de cursos de licenciatura intercultural indígena em instituições estaduais e federais e das ações afirmativas, têm mostrado o efeito dessas políticas públicas na crescente presença nas universidades de populações culturalmente distintas e historicamente excluídas da academia. Deste modo compreender o lugar da Antropologia nesse processo de retomada nos diferentes modos de fazer Antropologia nos instiga a compartilhar este espaço em três sessões e uma roda de conversa, as quais têm como centralidade a Antropologia e a Lei de nº 12.711/12. Os temas da pluralidade, da diferença, do racismo e da descolonização são centrais para este debate, os quais, a partir das diversas experiências fundamentam os saberes e a ciência produzida em várias escalas na Antropologia brasileira.

**SE03. 100 anos de Argonautas do Pacífico Ocidental: considerações sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano**

**Coordenação:** Edilene Coffaci de Lima

**Sessão 1**

**Participante(s):** Levi Marques Pereira (UFGD), Mariana Ciavatta Pantoja Franco (UFAC), Tomás Henrique de Azevedo Gomes Melo (INRua)

**Debatedor(a):** Edilene Coffaci de Lima (UFPR)

**Sessão 2**

**Participante(s):** Edilene Coffaci de Lima (UFPR), Sonia Regina Lourenço (UFMT), Taisa Lewitzki (UFRN)

**Debatedor(a):** Levi Marques Pereira (UFGD)

**Resumo:**

Argonautas do Pacífico Ocidental, consagrada como a obra que inaugurou a antropologia moderna, completa 100 anos. As lições de Bronislaw Malinowski, sobretudo suas recomendações para a boa realização do trabalho de campo, são apresentadas em sua célebre introdução, leitura obrigatória em cursos introdutórios, e ecoam ainda hoje. Lá o autor preconizava a necessidade imperativa de longas temporadas em campo, domínio da língua nativa e anotações cotidianas sistemáticas, a elaboração do famoso diário de campo, entre outros tantos protocolos. Sem que seja preciso dar atenção ao fato de que a publicação de seu diário pessoal, em 1967, pôs por terra essa imagem romântica do trabalhador de campo solitário e incansável, muito mudou nesse primeiro século que agora se celebra: seja porque o mundo foi descolonizado; seja porque, em algumas situações, os nativos, de quaisquer partes, passaram a duvidar de nossos compromissos, de nossa ética; seja porque, outras vezes, nativos e pesquisadores tornaram-se parceiros e/ou amigos e alinharam-se em busca de objetivos comuns (demarcação de terras, apoio à educação escolar, ao atendimento à saúde, elaboração de livros e de projetos com objetivos variados, denúncias de arbitrariedades cometidas por toda parte e tantas outras demandas tornaram-se corriqueiras). A implicação no campo guiou e guia ativismos antropológicos, além da própria etnografia, a partir da qual se estabeleceu. Pretende-se com esse Simpósio Especial justamente debater sobre as transformações do trabalho de campo, que se mantém prevacente na definição da identidade dos profissionais de nossa disciplina.

**El cine a la luz del análisis antropológico**

**Autoria:** Francisco de la Peña Martínez

El objeto de esta ponencia es ofrecer una reflexión sobre los alcances y el sentido de una antropología del cine. Se plantea la posibilidad de abordar, con las herramientas conceptuales y metodológicas de la antropología, las distintas dimensiones culturales del fenómeno del cine, desde la producción y el consumo por parte de los públicos hasta los corpus cinematográficos (géneros, obras o tradiciones nacionales) tomados estos últimos como documentos etnográficos de primer orden.

**?Crítica?: conceito e empiria. O caso da crítica cinematográfica latino-americana.**

**Autoria:** Eliska Altmann

Idealizado pelas sociólogas Roberta Shapiro e Nathalie Heinich, o conceito de ?artificação? nos dá suporte para a fundamentação de outro: ?crítica?. Enquanto o primeiro trata de descrever quando e em quais circunstâncias ocorre o processo artístico e seu engajamento com o mundo social, em que expressões e objetos se tornam arte, o segundo compreende o campo da crítica cinematográfica e seu constante processo de legitimação. Com isso, não entendemos a crítica como instituição a participar do processo de ?artificação? de certos tipos e autores cinematográficos, mas como ela própria participa (e se insere) em um discurso ou ?quadro? artístico. Com base numa pesquisa realizada com críticos latino-americanos, discutiremos a ?crítica? como um conceito a envolver movimentos de auto-legitimação, supondo que agentes se autocanonizam e questionam concomitantemente.

## **SE04. A gente fala com quem? Desafios da comunicação e da divulgação científica no campo das Ciências Sociais brasileiras**

**Coordenação:** Carly Barboza Machado (UFRRJ)

**Sessão 1 - Associações científicas: práticas e desafios da comunicação institucional**

**Participante(s):** Bruno Cesar Santos Dias (Abrasco), Carly Barboza Machado (UFRRJ), José Eduardo Leon Szwako (UERJ)

**Debatedor(a):** Laura Lowenkron (IMS - UERJ)

**Sessão 2 - Segurança digital, defesa de direitos e enfrentamentos políticos nas redes**

**Participante(s):** Carolina Parreiras (Unicamp), David Nemer (University of Virginia), Isabela Dias Fernandes (O Projeto Tor)

**Sessão 3 - Roda de Conversa - Redes Sociais como aliadas na divulgação científica**

**Participante(s):** Beatriz Klimeck Gouvêa Gama (IMS/UERJ), Bernardo Fonseca Machado (Unicamp), Camilo Albuquerque de Braz (UFG), Matheus Gonçalves França (UFG), Ramon Pereira dos Reis (SEDUC-PA)

**Resumo:**

Os últimos anos acentuaram de modo intenso um desafio já presente no campo científico há muito tempo: como comunicar e divulgar conhecimentos científicos para diferentes públicos, em plataformas variadas e utilizando diferentes linguagens. Este Simpósio Especial tem por objetivo promover uma reflexão crítica sobre projetos de comunicação e divulgação científicas desenvolvidos no campo das Ciências Sociais, e da Antropologia em particular, seus alcances e limites. Pretendemos pensar a face comunicativa e pública das Ciências Sociais a partir de suas diferentes dimensões: práticas institucionais de comunicação, presença pública de pesquisadoras/es em mídias diversificadas, usos das redes sociais como divulgação científica, reações do público aos conteúdos apresentados pelo campo das Ciências Sociais - envolvendo inclusive os riscos de ataques virtuais e ameaças -, bem como estratégias de segurança para garantir a continuidade das ações e a proteção de cientistas sociais em suas atividades públicas. Por fim, destaca-se, neste Simpósio, a intenção de promover uma troca reflexiva de experiências entre profissionais envolvidas/os em projetos diversos, valorizando as tantas ações criativas e inovadoras que existem hoje no campo, e buscando incentivar a relevância e a continuidade de práticas comunicativas de perfil público nas Ciências Sociais.

**SE05. Antropologia em Tempos Extremos: desmonte ambiental, privatização das terras comuns e grandes projetos**

**Coordenação:** Felisa Cançado Anaya (UNIMONTES-MG), Sonia Maria Simões Barbosa Magalhães Santos (UFPA)

**Sessão 1 - POLÍTICAS AMBIENTAIS E DIREITOS TERRITORIAIS (Políticas ambientais, agronegócio, concessão e mineração em UCs e terras indígenas)**

**Participante(s):** Ana Beatriz Vianna Mendes (UFMG), Rumi Regina Kubo (UFRGS), Sineia Wapichana (Conselho Indígena de Roraima)

**Debatedor(a):** Caio Pompeia Ribeiro Neto (USP)

**Sessão 2 - GRANDES PROJETOS E DESASTRES (usina nuclear, programa Calha Norte / Rio Branco, e Belo Monte)**

**Participante(s):** Antonia Melo (MXVPS), Fabiano de Oliveira Bringel (PPGG/UEPA), Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (PPGA/UFPE e PROCADI/UPE)

**Debatedor(a):** Sonia Maria Simões Barbosa Magalhães Santos (UFPA)

**Sessão 3 - RODA DE CONVERSA - AFETAÇÕES E ENFRENTAMENTOS**

**Participante(s):** Adriana de Souza de Lima (União dos Moradores da Jureia), Celia Nunes Correa (TI Xakriabá), Luzia Queiroz (Comissão atingidos Mariana-MG), Maria de Fátima Alves (CODECEX/CEPCT-MG)

**Debatedor(a):** Andrea L. M. Zhouri (UFMG)

**Resumo:**

O Comitê Povos Tradicionais, Meio Ambiente e Grandes Projetos tem acompanhado o processo de demolição das legislações e da institucionalidade referentes à proteção do meio ambiente e dos direitos coletivos e territoriais, iniciado em 2016 e potencializado a partir dos anos 2018/19. A proliferação de emendas constitucionais e projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional, assim como de medidas provisórias, portarias e decretos da Presidência da República, culminam com a Portaria nº 667, de 09 de fevereiro de 2022, na qual são detalhadas as prioridades do Poder Executivo na agenda legislativa para o ano em curso. São tempos extremos, em que a violência contra os povos tradicionais e o meio ambiente estrutura o novo arcabouço legal e conforma as políticas públicas. O objetivo deste Simpósio Especial é trazer mais uma vez esta discussão para o âmbito da RBA, de modo a refletir sobre as interfaces entre o fazer antropológico e a violação de direitos dos povos e do meio ambiente. Junto a esta proposta de SE se propõe, também, uma Roda de Conversa com a participação de representantes e lideranças que vivenciam as situações concernentes. Estrutura: Sessão 1: Políticas Ambientais e Direitos Territoriais; Sessão 2: Grandes Projetos e Desastres; Sessão 3: Roda de Conversa - Afetações e Enfrentamentos.

**SE06. Antropologia nas encruzilhadas: O descarte das políticas públicas e pautas autoritárias no atual contexto político**

**Coordenação:** Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE), Lia Zanotta Machado (UnB)

**Sessão 1 - Questão de gênero, sexualidade e raça. Aborto e violência contra mulheres**

**Participante(s):** Débora Diniz Rodrigues (Anis), Lia Zanotta Machado (UnB), Luciana de Oliveira Dias (UFG)

**Sessão 2 - Questões ambientais, indígenas e educacionais**

**Participante(s):** Andrea L. M. Zhouri (UFMG), Carla Costa Teixeira (UnB), Rita Gomes do Nascimento (Flacso Brasil)

**Sessão 3 - Questões étnicas, territoriais e patrimônio cultural**

**Participante(s):** Aderval Costa Filho (UFMG / Comitê Quilombos-ABA), Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE), José Reginaldo Santos Gonçalves (UFRJ)

**Debatedor(a):** Henyo Trindade Barretto Filho (UnB)

**Resumo:**

A antropologia brasileira possui uma história de interlocução entre a produção científica do conhecimento e a situação concreta de grupos e populações que estuda. O Simpósio pretende refletir e avançar criticamente sobre os desafios enfrentados pel(a)os antropólogo(a)s face aos dilemas que se delineiam em algumas agendas de políticas públicas do Estado e como isto tem impactado questões de interesse público (conflitos ambientais, territoriais, gênero e sexualidade, raça, etnicidade, patrimônio cultural, educação, saúde, entre outros) e seus reflexos em políticas voltadas para a preservação e garantia de direitos no cenário atual e pensar em perspectivas de futuro para seus(suas) interlocutore(a)s.

## **SE07. Antropologia, Ciências Forenses e movimentos sociais: fazer política, fazer justiça**

**Coordenação:** Flavia Medeiros Santos (UFSC), Lucia Eilbaum (UFF)

### **Sessão 1 - Antropologia forense: vítimas, provas e construção de verdades**

**Participante(s):** Aline Feitoza de Oliveira (Unifesp), Márcia Lika Hattori (CAAF - UNIFESP), Virginia Vecchioli (UFSM)

**Debatedor(a):** Flavia Medeiros Santos (UFSC)

### **Sessão 2 - Antropologia jurídica: documentos, práticas e lutas por direitos**

**Participante(s):** Alexandre Giovanelli (ICCE / SEPOL), Débora Maria da Silva (Mães de Maio), Natalia Federman (EAAF)

**Debatedor(a):** Edson Luís de Almeida Teles (Unifesp)

### **Sessão 3 - Roda de conversa: Fazer justiça, fazer política: caminhos e desafios do fazer antropológico na defesa dos direitos humanos**

**Participante(s):** Crimeia Alice Schmidt de Almeida (Comissão de Familiares), Desirée de Lemos Azevedo (Unifesp), Edson Luís de Almeida Teles (Unifesp), Lucia Eilbaum (UFF)

#### **Resumo:**

A relação entre Antropologia e Ciências Forenses tem se consolidado como fundamental na articulação com movimentos sociais diante de demandas por memória, verdade e justiça em casos de violações de direitos humanos. Por um lado, a atuação da Antropologia Forense na identificação de vítimas de desaparecimento forçado pela análise de remanescentes ósseos e de material genético na construção da verdade, no acesso à justiça e no reconhecimento da luta dessas vítimas; por outro, por etnografias em documentos e sobre práticas burocráticas e judiciais de agentes estatais em processos de administração de conflitos que permitem compreender aspectos estruturais, técnicos e morais no funcionamento das instituições responsáveis pelas demandas de familiares, sobreviventes e militantes de direitos humanos. O presente SE é uma proposta da Comissão de Direitos Humanos da ABA visando agregar pesquisadores, peritos, militantes e familiares de vítimas para dialogar sobre práticas e saberes acionados na luta por justiça. Interessa discutir práticas de fazer antropologia, a partir da sua relação com as ciências forenses e refletir experiências em defesa de direitos e promoção de acesso à justiça mediante processos políticos e sociais relacionados a práticas de violações de direitos humanos. Desde uma perspectiva ética, a participação dos sujeitos em lutas sociais contribui para as escolhas teórico-metodológicas e políticas atreladas aos compromissos e responsabilidades da própria antropologia.

## **SE08. Antropologías Latinoamericanas y Sistemas Científicos: Entre Disciplinamiento, Circulación y Conocimientos Insumidos**

**Coordenação:** Estêvão Rafael Fernandes (UNIR/UFMT), Fabiano de Souza Gontijo (UFPA)

### **Sessão 1 - Los Sistemas Científicos en Perspectivas Comparadas - Una Mirada desde las Antropologías Latinoamericanas**

**Participante(s):** Alejandra Roca (UBA\_UNPAZ), Fidel Rodriguez Velasquez (PUC-Rio), Gonzalo Díaz Crovetto (UCT / Chile)

**Debatedor(a):** Fabiano de Souza Gontijo (UFPA)

### **Sessão 2 - Antropologías Disidentes e Indisciplinadas**

**Participante(s):** Fabiano de Souza Gontijo (UFPA), Lucía del Carmen Pellecer González (Universidad de San Carlos de G), Paola Alejandra Letona Rodríguez (USAC)

**Debatedor(a):** Estêvão Rafael Fernandes (UNIR/UFMT)

### **Sessão 3 - Roda de conversa**

**Participante(s):** Annel Mejías Guiza (Universidad de Los Andes (ULA)), Eisamar Carolia Ochoa Contreras (CETS IVIC / FIS DIVERSIDAD), Estêvão Rafael Fernandes (UNIR/UFMT), Maria Angela Petrizo Páez (Universidad Nacional del Turis), Ximena Gonzalez Broquen (CETS IVIC)

#### **Resumo:**

Muchas de las investigaciones llevadas a cabo en Nuestra América delimitan una actitud reflexiva de responsabilidad social y una postura crítica de compromiso político que marcan las antropologías latinoamericanas. Esas antropologías han adoptado características particulares relacionadas con los contextos nacionales en los que se desarrollan. Una característica común a estas antropologías habría sido la relación entre la producción teórica y el compromiso con las sociedades estudiadas, ya que las/os investigadoras/es también participan, junto con sus interlocutoras/es, en el proceso de construcción nacional a través de la lucha por la democracia y la autonomía de las comunidades locales y contra el colonialismo insistente y las formas imponentes de los colonialismos internos. En este simposio, tratase de hacer converger reflexiones sobre la epistemopolítica de nuestras antropologías, las experiencias teórico-prácticas indisciplinadas y insumisas, las tecnologías sociales de producción de conocimiento y los encuentros de cosmovisiones desde el Sur Global para sistematizar las discusiones sobre cómo, por qué, para quién, con quién, por quién y dónde hacemos antropología en Nuestra América. Las dos sesiones de simposio son una propuesta de los Grupos de Trabajo de la Asociación Latinoamericana de Antropología "Antropologías Disidentes e Indisciplinadas", "Antropología de las Antropologías Latinoamericanas" y "Sistemas Científicos en Perspectiva Comparada", juntamente con la ABA.

## **SE09. Aportes de las perspectivas marxistas y feministas en Antropología en relación al contexto actual en Latinoamérica**

**Coordenação:** Maria Filomena Gregori (Unicamp), Sérgio Luís Carrara (Uerj)

### **Sessão 1 - Assédio Institucional no setor público brasileiro: evidências de democratização**

**Participante(s):** Frederico Augusto Barbosa da Silva (IPEA), José Celso Cardoso Jr. (AFIPEA), Monique Florencio de Aguiar (UFAL)

**Debatedor(a):** Carla Costa Teixeira (UnB)

### **Sessão 2 - Liberdade Acadêmica, Liberdade de Expressão: violações, diputas, capturas**

**Participante(s):** Conrado Hubner Mendes (FDUSP), Fernando Cássio (UFABC)

**Debatedor(a):** Débora Diniz Rodrigues (Anis)

#### **Resumo:**

En las últimas décadas, las crisis económicas, políticas y sociales prevalentes en América Latina han dado como resultado una creciente necesidad de análisis feministas de distintas situaciones apremiantes por región y por país, sin dejar de lado los marcos comparativos que permiten explicar procesos estructurales generalizados. A su vez, han generado un conjunto de propuestas no sólo para salir de las crisis, sino también para hacer transformaciones profundas en las condiciones que las generan, reproducen y amplían. En esa dirección, hay un renovado interés de algunas antropólogas por revisar los aportes de las distintas posturas feministas y marxistas, que se recogerán en esta mesa para establecer un diálogo en el que se recuperen algunas experiencias significativas de movilización, análisis y elaboración, tanto en términos de praxis como de construcción teórica. Por un lado, se da una revisión de las contribuciones autoras marxistas feministas clásicas de otras latitudes, así como de pensadoras latinoamericanas que retoman conceptualizaciones marxistas pero también las cuestionan y amplían. A ellas se suman las propuestas innovadoras que retoman elementos anteriores, buscando articulaciones entre marxismo, pensamiento descolonial, antipatriarcal y antiracista. Esta mesa redonda es propuesta por el Grupo de Trabajo Antropologías Feministas y de Género de la Asociación Latinoamericana de Antropología.

## **SE10. Arquitetura da destruição? Diálogos interinstitucionais sobre assédio institucional e violações às liberdades acadêmicas**

**Coordenação:** Patrícia Birman (UERJ)

### **Sessão 1**

**Participante(s):** André Botelho (UFRJ e ANPOCS), Jacob Carlos Lima (UFSCar e SBS), Luciana Fernandes Veiga (UFRJ e ABCP)

### **Resumo:**

O diálogo entre a Associação Brasileira de Antropologia, IPEA, Observatório Pesquisa, Ciência e Liberdade (SBPC) e o Observatório do Conhecimento tem gerado importantes reflexões e evidências sobre a corrosão de instituições públicas e espaços de expressão de ideias, teorias e dados científicos, caracterizando, sombriamente, os tempos atuais. Dentre as temáticas mais evidentes e aviltantes desse cenário, destacam-se o assédio institucional aos organismos públicos, bem como a captura de sentidos, os deslizamentos semânticos e as violações concretas em torno da liberdade de expressão e a liberdade acadêmica.

## **SE11. As ciências Sociais em tempos extremos: desafios**

**Coordenação:** Patrícia Birman (UERJ)

### **Sessão 1**

**Participante(s):** André Botelho (UFRJ e ANPOCS), Jacob Carlos Lima (UFSCar e SBS), Luciana Fernandes Veiga (UFRJ e ABCP)

### **Resumo:**

O A4, articulação entre ANPOCS, ABS, ABCP e ABA, surgiu submersa em horizontes sombrios, já no atual governo. Nos últimos dois anos enfrentamos situações muito difíceis: foram imensos os desafios! No entanto, as circunstâncias nos mobilizam menos para fazer um balanço dos desmontes e mais para refletir sobre o que esses tempos extremos nos impelem a fazer em futuro próximo. Reconhecer os embates do cotidiano nos encaminha



para as expectativas que podemos cultivar. Junto conosco estão todas as pós-graduações do país, os principais centros de pesquisa de todas as disciplinas em ciências sociais. Abrir uma reflexão sobre nossos desafios significa analisar os efeitos extensivos e intensivos provocados pelo desmonte financeiro, político, social e institucional desses tempos sombrios. Mas visamos apontar para o futuro. Os integrantes desse Simpósio, a saber, os presidentes da ANPOCS, ABA, SBS e ABCP desenvolverão cada qual um aspecto considerado desafiador para o fazer ciência respectivamente na antropologia, sociologia e ciência política, além das questões próprias das nossas pós-graduações que cabem à ANPOCS. Pretendemos assim contribuir, ao refletir sobre o futuro próximo, aumentar o nosso fôlego e compartilhar a nossa disposição para as dificuldades do presente.

## **SE12. As grafias da antropologia e suas costuras**

**Coordenação:** Aina Guimarães Azevedo (UFPB), Luis Felipe Kojima Hirano (UFG)

### **Sessão 1**

**Participante(s):** Emiliano Ferreira Dantas (CRIA), Maria Suely Kofes (Unicamp), Sylvia Caiuby Novaes (USP)

**Debatedor(a):** Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB)

### **Sessão 2**

**Participante(s):** Arissana Braz Bomfim de Souza (UFBA), Ralyanara Moreira Freire (Ciranda da Arte - Seduc/GO), Tatiana Helena Lotierzo Hirano (USP)

**Debatedor(a):** Mariana da Costa Aguiar Petroni (UNILAB)

### **Sessão 3 - Roda de Conversa entre todos/as os/as expositores/as:**

**Participante(s):** Arissana Braz Bomfim de Souza (UFBA), Emiliano Ferreira Dantas (CRIA), Maria Suely Kofes (Unicamp), Ralyanara Moreira Freire (Ciranda da Arte - Seduc/GO), Sylvia Caiuby Novaes (USP), Tatiana Helena Lotierzo Hirano (USP)

### **Resumo:**

Nos últimos anos, estamos vivenciado na antropologia aquilo que tem sido chamado de "virada gráfica" (CAUSEY, 2013), notadamente com o retorno do desenho em nossa prática, não apenas como forma de descrição etnográfica, mas também como reflexão sobre o fazer antropológico. Ocupando um espaço "ambíguo" entre a escrita e a imagem, o desenho complexifica as relações entre esses termos e traz contribuições para pensar outras grafias, que a antropologia vem trabalhando já faz algum tempo, mas que nem sempre foram pensadas ou enfatizadas como inscrições gráficas, como a própria etnoGRAFIA, bioGRAFIA, GRAFismos indígenas, fotoGRAFIA e filme (cinematoGRAFIA), entre outras grafias. Ainda que esses modos de expressão guardem particularidades irreduzíveis, a ideia das mesas que compõem este Simpósio Especial é pensar "as grafias da antropologia e suas costuras". A costura significando aqui suas articulações na diferença, na complementaridade, em suas contraposições, justaposições e criações conjuntas. O suposto é que a multiplicação dos modos de fazer antropológico possam alargar as maneiras como percebemos e tecemos relações em campo e na difusão de nossas pesquisas na dimensão pública, caminho que nos parece imprescindível para a antropologia contemporânea. Roda de Conversa entre todos/as os/as expositores/as

## **SE13. As/Às margens do Ipiranga: o bicentenário brasileiro, a construção de Nação e as existências contra-hegemônicas**

**Coordenação:** Beatriz Martins Moura (UnB), Gilson J. Rodrigues Junior (IFRN)

**Sessão 1 - Olhares e representações: Quais corpos?**

**Participante(s):** Anderson Pereira (Museu Nacional/UFRJ), Dandara Rudsan (UERJ), Maíra Samara de Lima Freire (UFRB)

**Debatedor(a):** Carla Ramos Munzanzu (UFOPA)

**Sessão 2 - Existências e Narrativas em disputa: Qual nação?**

**Participante(s):** Alain Kaly (Ufrj), Cacique Luiz Catu (Potiguara Catu/APOIME), Makota Kidoiale (Manzo)

**Debatedor(a):** Ana Cláudia Rodrigues Kalenga (UFPE)

**Sessão 3 - As/Às margens da Independência: Para nós, o que fica?**

**Participante(s):** Gana Ndiaye (Boston University), Lidiane Kariú (UFG), Messias Moreira Basques Junior (ALARI Harvard University), Raquel Raquel Sousa Chaves Tupinambá (UnB), Tatiane Pereira Muniz (IFBA/UCL)

**Debatedor(a):** Edilma do Nascimento Souza (UNIVASF)

**Resumo:**

A independência do Brasil, que, ao menos oficialmente, marca o fim de uma relação colonial com Portugal e a configuração de um Estado independente, tem como mito de origem o momento no qual D. Pedro I teria gritado às margens do rio Ipiranga: “Independência ou morte”. Longe de ter sido acatada sem tensionamentos, o marco da independência, ao contrário, fez efervescer movimentos de resistência contra a continuidade das explorações por parte das elites, agora nacionais. Movimentos como a Cabanagem na Amazônia, nos dão boas pistas para entender que esses processos imprimem marcas importantes. É retomando a imagem do “grito do Ipiranga” enquanto metáfora, que desejamos focar não no rio, em si, mas justamente em suas margens, considerando que é delas que nós e nossos olhares para esses eventos advém. Assim, falar sobre o bicentenário da independência, traz o imperativo de se questionar os alicerces sobre os quais se fundam a invenção de Brasil, o conceito de Estado moderno e seu projeto civilizatório, entendendo-o como eminentemente necropolítico e etnocida. Neste sentido, será de uma perspectiva analítica que parte das margens, que, neste Simpósio Especial, estamos convidando a falar acerca da construção de Nação e de uma independência que precisa ser questionada criticamente e transformada, rompendo com padrões hierarquizantes que reconhecem a humanidade apenas de alguns grupos e corpos, enquanto a outros, mesmo na contemporaneidade, é imposto o estigma da sub-humanidade.

## **SE14. Campos de atuação da antropologia no Brasil: regulamentação, representatividades e modos de inserção profissional.**

**Coordenação:** Darllan Neves da Rocha (UFRJ), Mariana Balen Fernandes (UFRB)

**Sessão 1**

**Participante(s):** Ana Elisa de Figueiredo Bersani (Unicamp), Henyo Trindade Barretto Filho (UnB), Leonardo Leocádio da Silva (MPF)

**Debatedor(a):** Darllan Neves da Rocha (UFRJ)

**Sessão 2**

**Participante(s):** Braulina Aurora (ABIA), Clayton de Souza Rodrigues (CTI / RABA), Widney Pereira de Lima (UFAM)

**Debatedor(a):** Luciano Cardenes Santos (RABA/ UFG)

### Sessão 3

**Participante(s):** Edilma do Nascimento Souza (UNIVASF), Gabriela Crespo Gomes dos Santos (UnB), Lidiane Carvalho Amorim de Sousa Dourado (INCRA)

**Debatedor(a):** Guilherme Bemerguy Chêne Neto (Museu Paraense Emílio Goeldi)

### Resumo:

A presente proposta de Simpósio Especial visa contribuir com o debate em torno dos gargalos envolvendo as diferentes áreas de profissionais na antropologia do Brasil. A partir da articulação entre os coletivos de antropólogas/os da Rede Autônoma Brasileira de Antropologia- RABA, da Associação dos Profissionais de Antropologia - aPROA e do Comitê de Inserção Profissional de Antropólogas/os da ABA busca construir um espaço de reflexão para questões envolvendo formas distintas de contratação; os perfis profissionais exigidos; a relação entre antropólogas/os e as instituições que demandam tais profissionais dentre outras situações que implicam na necessidade de maior diálogo entre as categorias. Soma-se a isso, a realização de Roda de Conversa com membros de comunidades e movimentos sociais e estudantis, assim como do Comitê de Pesquisadores Negras e Negros e Comitê Indígena da ABA acerca da necessidade de regulamentação da profissão de antropóloga/o cujo teor suscita constante interlocução entre os pares a partir dos modos de exercício profissional - postos de trabalho no terceiro setor, no estado ou no setor privado.

## SE15. Desafios do fazer antropológico: pesquisa e ensino em Brasil e Portugal

**Coordenação:** Carla Costa Teixeira (UnB)

### Sessão 1

**Participante(s):** Guillermo Vega Sanabria (UFBA), Lurdes Pequito (CRIA-ISCTE-IUL), Maria Antónia Pedroso de Lima (ICSTE-IUL / CRIA)

**Debatedor(a):** Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ)

### Resumo:

O Simpósio Especial em foco visa contribuir para a compreensão dos efeitos que as transformações no campo científico vividas nas últimas décadas têm gerado para as práticas antropológicas. Com este objetivo, foram escolhidos dois contextos nacionais, Brasil e Portugal. Tal esforço, como o próprio título já explicita, abordará a produção e a reprodução do conhecimento científico, ou seja, a pesquisa e o ensino de antropologia. A intensificação das relações entre essas duas comunidades científicas nas últimas décadas permitiu ver que tanto em Portugal quanto no Brasil as instituições de fomento à investigação, respectivamente Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), implementaram alterações organizacionais e orçamentárias que impactaram diretamente as dinâmicas do campo de conhecimento antropológico. Assim também se deu no ensino da antropologia no nível pré-universitário (nível médio ou secundário a depender do contexto nacional em tela), seja no lugar que as disciplinas de antropologia passaram a ocupar na composição do conjunto das disciplinas escolares seja na gestão e nas exigências relativas

ao profissional habilitado a lecioná-las. A expectativa que orientou essa proposta reside, portanto, na aposta de que um exercício de desvelar similaridades e distinções entre ambas realidades nos permita delinear algumas hipóteses interpretativas que iluminem o complexo processo em curso.

## **SE16. "De dentro e de fora": pensando (sobre) a Associação Brasileira de Antropologia**

**Coordenação:** Andrea de Souza Lobo (UnB), Luciana de Oliveira Dias (UFG)

### **Sessão 1 - Diversidades regionais em debate**

**Participante(s):** Diogenes Egidio Cariaga (UEMS), Hippolyte Brice Sogbossi (UFS), Vera Regina Rodrigues da Silva (Unilab)

### **Sessão 2 - Posicionalidades diversas e a produção de "outras" antropologias**

**Participante(s):** Chiquinha Paresi (SEDUC CEEI/MT), Francisco Cândido Firmiano Júnior (UFRN), Pietra Conceição Azevedo (UFRN)

**Debatedor(a):**

Gilson J. Rodrigues Junior (IFRN)

### **Sessão 3 - Uma roda de conversa sobre a ABA que queremos**

**Participante(s):** Ana Cláudia Gomes de Souza (UNILAB), Antônio Nego Bispo (CONAQ e CECOQ/PI), Julia Marques Dalla Costa (Inkra), Vinícius Venancio (UnB)

**Debatedor(a):** Gersem José dos Santos Luciano (UnB)

### **Resumo:**

Desde sua fundação, a ABA se consolidou como uma associação voltada para a discussão crítica do campo da Antropologia. Sendo a mais antiga das associações científicas no país na área de ciências sociais, ocupa hoje um papel de destaque na condução de questões relacionadas às políticas referentes à educação, à ação social e à defesa dos direitos humanos. No decorrer de sua história, ela tem sido atuante em defesa das minorias étnico-raciais, dos segmentos discriminados e posicionando-se consistentemente contra a injustiça social. A importância de suas intervenções no campo científico e político é indiscutível a partir de um olhar externo, o que permitiu a uma de suas ex-presidentes refletir sobre “quem tem medo dos antropólogos” (Machado, Motta e Fachini, 2018). Tal como expresso nos temas dos GTS e MRs que constituem a programação desta 33ª RBA, muito tem se refletido sobre os dilemas e desafios da prática da antropologia em cenários contemporâneos bem como a importância das questões colocadas pela antropologia para a defesa de direitos, para a incorporação de outras epistemologias, a diversificação dos olhares, vozes e perspectivas no fazer antropológico. O que pretendemos neste ST é partir desse contexto, da centralidade da ABA e de diversificação do campo, e lançar um olhar crítico e construtivo para dentro da Associação com o objetivo de reunir reflexões sobre os desafios e as possibilidades de acolher nossa diversidade, demandas identitárias e de mercado de trabalho dos/as antropólogos/as que constituem o campo da antropologia brasileira. Assim, pensar em uma Associação que reflita, acolha e potencialize essa diversidade de trajetórias é o nosso desafio.

## **SE17. Dinâmicas de Internacionalização da Antropologia Brasileira**

**Coordenação:** Denise Ferreira da Costa Cruz (UNILAB), Renato Athias (NEPE/UFPE)

**Sessão 1 - Etnologia Indígena e Antropologia em contextos da América do Sul**

**Participante(s):** Carlos Alberto Marinho Cirino (UFRR), José Exequiel Basini Rodriguez (LEPAPIS/UFAM), Renato Athias (NEPE/UFPE)

**Sessão 2 - Antropologia em contextos lusófonos africanos e afro-brasileiros**

**Participante(s):** Denise Ferreira da Costa Cruz (UNILAB), Eduardo Viana Vargas (UFMG), Kelly Cristiane da Silva (Silva)

**Sessão 3 - Antropologia em contextos Médio-Orientais**

**Participante(s):** Amanda de Souza Araújo Dias (CeSor - EHESS), Gustavo Baptista Barbosa (NEOM/UFF), Leonardo Schiocchet (Austrian Academy of Sciences)

**Resumo:**

No início do século XXI o Brasil despontou como uma potência internacional em ciência. Este contexto foi marcado por um momento de internacionalização caracterizado pela exponencial circulação de pesquisadores e docentes brasileiros no exterior e de pesquisadores e docentes estrangeiros no Brasil. Na antropologia, uma característica central dessa circulação foi a internacionalização da pesquisa de campo. Tradicionalmente um país de acolhida de pesquisadores estrangeiros, o Brasil passa nesse momento a ampliar significativamente o número e qualidade de pesquisa de campo no exterior. Ao final do século XX e início do século XXI, antropólogos brasileiros passam a pesquisar mais intensamente também processos sociais e tendências teóricas no seio de outras nações sul-americanas. Concomitantemente, antropólogos brasileiros se lançam com mais peso à pesquisa em contextos lusófonos na África (como Cabo Verde, Angola e Moçambique) e no Leste-Asiático (como Timor Leste e Macau). Muito embora os contextos Sul-Americano e lusófono sejam ainda aqueles nos quais a antropologia brasileira mais investe, eles não definem sozinhos este momento de internacionalização. Um dos exemplos mais contundentes nesse sentido é o da antropologia em contextos médio-orientais. Este simpósio propõe três sessões para discutir os três contextos etnográficos acima em face a um momento de crise política e de apoio a ciência.

**SE18. Editando Antropologias**

**Coordenação:** Bernardo Fonseca Machado (Unicamp), Nathanael Araujo da Silva (PPGAS/Unicamp - CELCA/ABA)

**Sessão 1**

**Participante(s):** Douglas de Souza Evangelista (Editora Telha), Flavio Moura (Editora Todavia)

**Sessão 2**

**Participante(s):** Felipe Lindoso (Editora Marco Zero), Nathanael Araujo da Silva (PPGAS/Unicamp - CELCA/ABA)

**Sessão 3**

**Participante(s):** Lilia Schwarcz (Cia das Letras / USP), Ricardo Teperman (Cia das Letras)

**Resumo:**

O Simpósio Especial Editando Antropologias é uma continuação e desdobramento da Mesa Redonda de mesmo nome ocorrida na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 2020. A principal finalidade é estabelecer um diálogo mais estreito entre a Associação Brasileira de Antropologia e os empreendimentos editoriais comerciais

que publicam antropologia no Brasil. Parte constitutiva do ofício de antropólogo, a escrita e a publicação de livros com resultados de investigações, depende de uma rede de relações de cooperação do mundo acadêmico científico com o mercado editorial. Em meio a um contexto de intensas mudanças e incertezas intensificadas pelo cortes de financiamento e o desmonte de políticas governamentais, faz-se fundamental a interlocução ainda maior com empresas e mediadores culturais que investem tempo, recursos e prestígio na construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva em direitos através da circulação da produção científica de pesquisadores brasileiros.

## **SE19. Estudos do Cuidado, da Deficiência e da Ciência e Tecnologia: diálogos interdisciplinares e práticas de pesquisa emancipatórias**

**Coordenação:** Claudia Lee Williams Fonseca (UFRGS), Valeria Aydos (Unipampa)

### **Sessão 1 - Estudos da Ciência e Tecnologia e Antropologia do cuidado: uma conversa**

**Participante(s):** Cíntia Liara Engel (UFBA), Helena Moura Fietz (Rice University), Natália Helou Fazzioni (UFRJ)

**Debatedor(a):** Soraya Fleischer (DAN/UnB)

### **Sessão 2 - Cuidado e Interdependência na Prática Acadêmica: desafios e tensões em experiências de projetos de pesquisa-extensão emancipatórios**

**Participante(s):** Luiz Henrique Magnani (UFVJM), Marcia Moraes (UFF), Nádia Elisa Meinerz (UFAL)

**Debatedor(a):** Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama (UFRGS)

### **Sessão 3 - Roda de conversa com ativistas e interlocutoras/es de pesquisa / trabalho**

**Participante(s):** Dienuzza da Silva Costa (Universidade Federal do Pampa), Luana Adriano Araújo (UFRJ), Wanda Ferreira da Silva (UFF)

**Debatedor(a):** Marco Antônio Gavério (UFSCAR-PPGSociologia)

#### **Resumo:**

O campo dos estudos de cuidado é essencialmente interdisciplinar e aborda desde emoções particulares à reprodução de desigualdades, passando por organização social do trabalho ao desenvolvimento de saberes e habilidades específicas. Este Simpósio propõe reflexões sobre como diversas áreas de estudo têm dialogado com as Teorias do Cuidado e da Deficiência. Em uma primeira sessão, intitulada “Estudos da ciência e tecnologia e Antropologia do cuidado: uma conversa”, refletimos sobre abordagens recentes das teorias do cuidado a partir de diálogos com os estudos da Ciência e Tecnologia, como de Annemarie Mol, Maria Puig de la Bellacasa e Donna Haraway. Falar em cuidado, nesse recorte, envolve expressar a multidão envolvida em suas criações e percebê-lo dimensionado em ecologias, infraestruturas, agregações, arranjos e emaranhados. Aqui trazemos etnografias que provocam e dão vida aos mundos mais que humanos de cuidado nas lidas com deficiência, doenças crônicas e demências. Na segunda sessão: “Cuidado e Interdependência na prática acadêmica: desafios e tensões em experiências de projetos de pesquisa-extensão emancipatórios” a categoria Cuidado adquire dimensões teórico-práticas ao ser acionada em reflexões sobre deficiência, acessibilidade e interdependência em pesquisas emancipatórias com pessoas com deficiência. Os projetos apresentados nessa sessão têm como inspiração as posturas epistemológicas dos estudos decoloniais, assim como das práticas etnográficas do PesquisarCom.

## **SE20. Etnografia, compromisso e colaboração: desafios para uma**

## antropologia contemporânea

**Coordenação:** Edviges Marta Ioris (UFSC), Ricardo Verdum (Laced/MN)

### Sessão 1 - Etnografias situadas e compromissos na prática

**Participante(s):** Daniela Fernandes Alarcon (Universidade da Pensilvânia), Fabio Mura (UFPB), Katiane Silva (UFPA)

**Debatedor(a):** Myriam Jimeno (Universidad Nacional de Colomb)

### Sessão 2 - Questões teórico-metodológicas e ético-políticas na produção do conhecimento antropológico

**Participante(s):** Joanne Rappaport (Georgetown University), João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ), John Ernest Gledhill (The University of Manchester) **Debatedor(a):** Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA)

### Sessão 3 - Perspectivas e questões da antropologia indígena

**Participante(s):** Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA), Joziléia Daniza Jagso Inacio Jacobsen Schild (UFSC), Luana da Silva Cardoso (Luana Kumaruara), Rute Morais Souza (UNB)

**Debatedor(a):** Felipe Sotto Maior Cruz (UNEB)

### Resumo:

Desde a década de 1970, a Antropologia latino-americana tem pautado severas críticas aos cânones hegemônicos de produção de conhecimento antropológico sobre os povos indígenas, que seguiam tomando-os como um "primitivo" e distanciado objeto de estudo, ignorando os processos de violência e extermínio a que estavam submetidos. Marco fundamental para um giro político e epistemológico na Antropologia foi estabelecido pelo Simpósio La fricción interétnica en América del Sur fuera de la región andina, realizado em Barbados em 1971, propondo novas perspectivas teórico-metodológicas que dessem conta dos processos de dominação e violência a que os povos indígenas estavam subjugados, e de uma relação dialógica e cooperativa com seus interlocutores de pesquisa. Embora tenha se dado em outro cenário político, seus preceitos seguem vigentes hoje, seja pela violência, despojo ou pressão sobre os recursos naturais em seus territórios que continuam, seja pelo imperativo de uma antropologia dialógica e comprometida na defesa dos povos originários por reconhecimento, direitos e bem viver. Este SE reunirá pesquisadores/as que, a partir de suas investigações, aprofundaram a discussão e trouxeram relevantes contribuições teóricas, metodológicas e éticas ao estudo de processos socioculturais com pessoas e comunidades vivendo em contextos de violência e resistência, de disputa sociopolítica e acesso à justiça, e de construção e restabelecimento de capacidades de agência individual e coletiva.

## SE21. Ex-Presidentes da ABA falam sobre a Internacionalização da Antropologia Brasileira

**Coordenação:** Carlos Alberto Caroso Soares (UFBA), João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ)

### Sessão 1

**Participante(s):** Maria Manuela Carneiro da Cunha (University of Chicago), Roque Laraia (UnB)

**Debatedor(a):** Antônio Augusto Arantes (Unicamp)

**Sessão 2**

**Participante(s):** Gustavo Lins Ribeiro (U Autônoma Metropolitana), Luís Roberto Cardoso de Oliveira (UnB), Miriam Grossi (UFSC)

**Debatedor(a):** Renato Athias (NEPE/UFPE)

**Sessão 3**

**Participante(s):** Bela Feldman-Bianco (Unicamp), Carmen Silvia de Moraes Rial (UFSC)

**Debatedor(a):** Ruben George Oliven (UFRGS)

**Resumo:**

Neste Simpósio Especial participam os ex-presidentes da ABA para apresentar experiências e ações da ABA durante os seus mandatos sobre esta aspectos da internacionalização da antropologia brasileira, que pelo que parece sempre esteve presente nas agendas das diferentes gestões nestes últimos anos. Como sabemos a Antropologia brasileira tem ganhado um espaço internacionalmente nas últimas décadas, mas suas relações com outras antropologias no mundo são antigas. A mesa propõe ouvir ex-presidentes da ABA sobre o estado das relações da brasileira com outras antropologias no período de suas gestões. As perguntas propostas são: qual era o estado de internacionalização da Antropologia Brasileira durante o seu mandato? Com quem (quais as outras associações) se efetuavam os principais diálogos? Que convênios existiam durante a gestão que propiciava esta internacionalização? Para onde iam os antropólogos brasileiros estudar/visitar/lecionar? De que modo a ABA contribuiu para incrementar essas relações? Este simpósio não haverá debatedores, serão de depoimentos para um registro destas falas servirá para um banco de dados de ações atividades da ABA com relação aos diversos momentos da história da ABA sobre a Internacionalização da Antropologia Brasileira.

## **SE22. Gênero e Sexualidade: desafios, transformações e agenciamentos em tempos extremos**

**Coordenação:** Ana Paula da Silva (UFF), Regina Facchini (Unicamp)

**Sessão 1 - Backlash: “guerra ao gênero” e aos “identitarismos”**

**Participante(s):** Beatriz Pagliarini Bagagli (Unicamp), Maria Filomena Gregori (Unicamp), Michel Gherman (Ufrj)

**Debatedor(a):** Paulo Victor Leite Lopes (UFRN)

**Sessão 2 - Transformações na Universidade em tempos extremos**

**Participante(s):** Brume Dezembro Iazzetti (Erasmus Mundus), Heloisa Buarque de Almeida (USP), Nilma Lino Gomes (UFMG)

**Debatedor(a):** Vi Grunvald (UFRGS)

**Sessão 3 - Gênero, sexualidade e política: desafios e agenciamentos**

**Participante(s):** Cristiano dos Santos Rodrigues (UFMG), Erika Santos Silva (Câmara Municipal de São Paulo), Jacqueline Moraes Teixeira (USP), Milton Ribeiro (UEPA | UFPA), Thiago Coacci (Larvas Incendiadas)

**Resumo:**

Nas últimas décadas, lançados ao centro de uma intrincada arena de disputas, gênero e sexualidade têm atuado como linguagem capaz de articular regimes morais, políticos e formas de regulação da vida. O crescimento de reações conservadoras e a articulação entre pautas ultraliberais e mobilização de pânico morais têm alocado, de



modo privilegiado, gênero e sexualidade na reflexão sobre os desafios à democracia e aos direitos fundamentais. Dentre os ganhos teórico-analíticos, está a percepção da centralidade de gênero e sexualidade na experiência democrática, na tessitura do Estado e na própria concepção da política, confrontando lugares comuns no debate público, que lançam mão de noções como “especificidade” e “identidade”. Neste Simpósio, consideramos o caráter interdisciplinar dos estudos de gênero e sexualidade e suas articulações com outras diferenças e desigualdades, bem como a coprodução entre ativismos e conhecimento científico. Propomos olhar para o backlash a partir de categorias centrais ao debate político, como “guerra ao gênero”, “identitarismo” e “negacionismo”; nos debruçamos sobre a transformação do perfil discente e sobre as disputas políticas e epistêmicas nas universidades no contexto de ataques frontais às universidades e à ciência; dirigimos o olhar à política, à emergência de novas bandeiras de luta e modalidades de participação eleitoral, ao crescimento da violência política e aos diversos atravessamentos entre religião, reacionarismos e política.

## SE23. Guerras, Refúgios e Direitos Humanos: Diálogos Transnacionais

**Coordenação:** Bela Feldman-Bianco (Unicamp)

### Sessão 1

**Participante(s):** Clara Saraiva (Universidade de Lisboa), Francesca Declich (Università degli Studi di Urbi)

**Debatedor(a):** Carmen Silvia de Moraes Rial (UFSC)

### Sessão 2

**Participante(s):** Irene Piedrahita Arcila (Universidade de Antioquia), Omar Ribeiro Thomaz (Unicamp)

**Debatedor(a):** Virginia Dominguez (University of Illinois at Urba)

### Resumo:

No dia 16 de fevereiro de 2022, a Folha de São Paulo anunciava que “Além de crise na Ucrânia, mundo tem 28 conflitos ativos e teme novas guerras”. Já no dia 25 de fevereiro, um dia após o ataque da Ucrânia pela Rússia, Brasil de Fato estampava a manchete “Guerras pelo Mundo: Síria, Somália e Iêmen também sofreram ataques aéreos nos últimos dias”. Mas apesar da existência de outros conflitos sangrentos, como a guerra civil no Iêmen que foi considerada pela ONU o pior desastre humanitário do mundo, é evidente o tratamento diferenciado dado à guerra na Ucrânia. Para além da ampla e diferenciada cobertura da mídia, a Ucrânia se tornou foco de extensa mobilização internacional, recebendo apoio militar, ajuda humanitária e manifestações de alianças de países que integram a NATO, especialmente dos Estados Unidos. Essas mobilizações nos remetem à reconstrução da Guerra Fria e às ameaças de uma terceira guerra mundial. Ao mesmo tempo, trazem à tona as diferenciações entre as guerras da atualidade, refletidas em seus posicionamentos desiguais na geopolítica global e nas distintas coberturas da mídia, assim como nas políticas racializadas e de gênero em relação aos refugiados e nas tensões atuais envolvendo a noção de direitos humanos e de humanitarismo numa conjuntura marcada pela ascensão da extrema direita e de políticas de governança tecnocrata de securitização e criminalização de migrantes e refugiados. Tendo em vista o atual contexto global, esse simpósio organizado pelo WCAA (Conselho Mundial das Associações Antropológicas) reúne um conjunto de apresentações que problematizam diferentes aspectos da guerra e da paz: a espetacularização da guerra e o retorno da morte pública, os crimes contra a humanidade e a violência de gênero incluindo a relação entre guerra e estupro, as iniciativas de universidades públicas em investir no refúgio acadêmico e, portanto, nos direitos humanos e no humanitarismo, e os paradoxos enfrentados

pela Comissão da Verdade da Colômbia, após longos anos de conflito armado.

## **SE24. Laicidade e Democracia em Perspectiva**

**Coordenação:** Jacqueline Moraes Teixeira (USP), Tatiane dos Santos Duarte (UnB)

### **Sessão 1 - Pautas morais e os sentidos da laicidade no Brasil**

**Participante(s):** Naara Lúcia de Albuquerque Luna (UFRRJ), Simony Cristina Teixeira dos Anjos (USP), Viviane Araujo da Costa (UMESP)

**Debatedor(a):** Fátima Weiss de Jesus (UFAM)

### **Sessão 2 - Ação política de grupos conservadores e desafios à democracia**

**Participante(s):** Livia Reis Santos (Museu Nacional/UFRRJ), Mariana Magalhães Pinto Côrtes (UFU), Priscilla dos Reis Ribeiro (HCTE UFRJ)

**Debatedor(a):** Jacqueline Moraes Teixeira (USP)

#### **Resumo:**

Este Simpósio integra a agenda de atividades da Comissão de Laicidade e Democracia da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) cujo objetivo consiste em pensar a crescente atuação religiosa no espaço público e refletir, a partir de uma perspectiva antropológica, como pautas controversas agenciadas por sujeitos sociais e instituições religiosas que disputam o Estado, bem como, a circulação de repertórios morais e sua articulação com princípios constitucionais e jurídicos, incidem nas ações e políticas públicas impactando a democracia. Reconhecendo a centralidade de algumas modalidades específicas de engajamento político de alguns sujeitos religiosos na arena pública, essa proposta pretende discorrer sobre como grupos cristãos têm construído um lugar de reconhecimento público, difundindo a noção de conservadorismo cristão em diversos espaços sociais mediante a ocupação das redes sociais, a circulação das teologias fundamentalistas de modo a afirmar políticas, no âmbito do Estado. Assim, a primeira sessão discutirá alguns mecanismos de ocupação do Estado e o enfrentamento para o reconhecimento civil dos direitos humanos, a partir do debate sobre religião, gênero, direitos sexuais e reprodutivos, violência doméstica e o questões raciais. A segunda sessão, analisará alguns desafios à democracia brasileira discorrendo sobre religiões e os direitos das populações indígenas, o perfil das candidaturas ao legislativo e a relação entre pentecostalismos e bolsonarismos.

## **SE25. Maternidades destituídas, violentadas e violadas**

**Coordenação:** Débora Allebrandt (UFAL), Taniele Cristina Rui (Unicamp)

### **Sessão 1 - Maternidades destituídas**

**Participante(s):** Ariana Oliveira Alves (Pagu/Unicamp), Raquel Mombelli (UFSC), Rosiane Rodrigues de Almeida (INCT-InEAC-UFF), **Debatedor(a):** Odja Barros Santos (Igreja Batista do Pinheiro)

### **Sessão 2 - Maternidades violentadas**

**Participante(s):** Ana Paula Gomes de Oliveira (Mães de Manguinhos), Luciane de Oliveira Rocha (Kennesaw State University), Miriam Duarte Pereira (Amparar / UFABC)

**Debatedor(a):** Juliana de Farias Mello e Lima (Pagu/Unicamp)

### Sessão 3 - Maternidades violadas

**Participante(s):** Bruna Fani Duarte Rocha (UFSC), Débora Allebrandt (UFAL), Fátima Weiss de Jesus (UFAM), Maria Paula Prates (UCL)

#### Resumo:

Este Simpósio Especial agrega a Comissão de Direitos Humanos e os Comitês de Cidadania, Violência e Gestão Estatal; e de Gênero e Sexualidade da ABA para pensar conjuntamente o tema dos direitos sexuais e reprodutivos, enfocando situações empíricas que refletem sobre violências praticadas contra mulheres em suas diversas experiências de maternidades. Fazendo convergir pesquisadoras e militantes sociais, o simpósio está organizado em 3 seções: a primeira, maternidades destituídas, aborda casos de retirada de crianças de mulheres quilombolas, em situação de rua e de comunidades de terreiro. Alegando que seus modos de vida e/ou as condições de pobreza são inadequados, a retirada de crianças e seu envio para abrigos tem sido uma tônica presente nas decisões do judiciário brasileiro, em flagrante violação à Constituição Federal e ao Estatuto da Criança e o Adolescente (ECA). A segunda seção toca no tema das mães que tiveram as suas maternidades violentadas em decorrência da intervenção estatal em favelas e comunidades pobres, que resultaram na morte e/ou no encarceramento de seus filhos, na sua ampla maioria jovens negros e marginalizados. Sem direito ao luto, não só tiveram suas experiências de maternidade interrompidas pela violência do Estado brasileiro, como foram lançadas em condições desiguais ao labirinto jurídico. A mobilização dessas mães é crescente e representa hoje uma das vozes mais atuantes na crítica ao Estado de direito contemporâneo. A terceira seção explora a maternidade a partir da vivência da violência obstétrica. As pesquisas reunidas aqui aproximam a violência obstétrica como uma violência de gênero, atentas às facetas do racismo obstétrico e suas implicações para a governança reprodutiva, a necropolítica e a iatrogênese. Ao explicitar estas destituições, violências e violações que se atrelam à (re)produção de profundas desigualdades sociais, debateremos o lugar do Estado para tensionar contextos em que a garantia de direitos figura como objeto de luta íntima e política ou mesmo como obstáculo ao exercício da maternidade. Por fim, também será possível refletir sobre modos distintos e alternativos de exercício da maternidade, forçados pela luta e pelo luto.

## SE26. Migrantes (In) Desejáveis, Regimes De Fronteira E Movimentos Sociais: Pesquisadores E Ativistas Em Diálogo

**Coordenação:** Natalia Corazza Padovani (Unicamp)

### Sessão 1

#### Participante(s):

Alexandre Branco-Pereira (UEMG)Letícia Calderón Chelius (Instituto Mora, México), Natalia Gavazzo (CONICET - UNSAM)

### Sessão 2

**Participante(s):** Hortense Mbuyi (CMI-SP), Natalia Corazza Padovani (Unicamp), Virginia Signorini (Investigador Independiente)

### Sessão 3

**Participante(s):** João Freitas de Castro Chaves (DPU), Jobana Moya Rodrigues (Equipe de Base Warmis-Converg), Juan Melquiades Arellano (Emaus Piura/ Peru), Paulo Illes (SPM/CNBB)

**Debatedor(a):** Bela Feldman-Bianco (Unicamp)

**Resumo:**

A COVID intensificou o controle racializado dos atuais regimes migratórios, trazendo à tona recorrentes insurgências de imigrantes e refugiados frente às fronteiras, bem como fortes movimentos de solidariedade social, incluindo campanhas transnacionais em favor da "regularização já" e da defesa da justiça social e dos "direitos humanos". Como discernir/compreender comparativamente a conjunção entre as políticas neoliberais racializadas de securitização e criminalização que restringem a mobilidade, os processos de despossessão, o papel das redes sociais de apoio e comunicação orientando os caminhos migratórios tanto de fixação em lugares específicos quanto de partida para outros destinos e, nesse contexto, o papel dos movimentos sociais? Para abordar estas questões, esta atividade do Comitê Migrações e Deslocamentos reúne pesquisadores que estudam diferentes contextos locais/nacionais e ativistas de questões migratórias e do refúgio. Com base em perspectivas que atendem as mudanças históricas e questões de lugar, buscamos entender e dialogar sobre as semelhanças e diferenças entre regimes migratórios, a organização social dos migrantes e refugiados, as resistências e as insurgências, o papel das redes sociais de apoio e comunicação, de solidariedade social e especialmente as possibilidades e limites dos movimentos sociais e suas campanhas em prol dos direitos humanos e da justiça social.

**SE27. Morte durante a Pandemia de COVID-19: luto e tragédias**

**Coordenação:** Martinho Braga Batista e Silva (UERJ), Mónica Franch Gutiérrez (UFPB)

**Sessão 1 - Tragédias**

**Participante(s):** Ednalva Maciel Neves (UFPB), Fábio Mallart (UERJ), Rachel Aisengart Menezes (IESC/UFRJ)

**Sessão 2 - Luto**

**Participante(s):** Andreia Vicente da Silva (Unioeste), Tânia Maria Lago Falcão (FCM / UPE), Weverson Bezerra Silva (UFPB)

**Resumo:**

Mortalidade, natalidade e migração das populações são fenômenos demográficos, a primeira variando principalmente em tempos de guerra e epidemia. A morte durante a pandemia de COVID-19 e em um momento no qual se noticia uma possível III Grande Guerra Mundial demanda uma abordagem antropológica, atenta não só às taxas como também ao conjunto de tragédias que atravessam essas primeiras décadas do século XXI no Brasil, como é o caso do incêndio na Boate Kiss em Santa Maria-RS, o assassinato de Marielle Franco e o cotidiano de órfãs/ãos e viúvas/os de pessoas que vieram a óbito por COVID-19. A proposta dessa sessão especial elaborada pelo Comitê de Antropologia e Saúde é apresentar e discutir perspectivas de antropólogos/os sobre o tema. Cercada por práticas funerárias descritas com maestria por Martin Ibáñez-Novión (2012[1970]), a morte é apontada como um rito, um mito e um tabu por José Rodrigues (2006), adjetivada de simbólica e cerebral, percorrendo estudos clássicos e contemporâneos da área de antropologia da saúde, como a morte social do internado em Erving Goffman. Ocultada e também visibilizada (Butler, 2020), a morte suscita um debate sobre as vidas passíveis ou não de luto quando do 11 de setembro de 2001 nos EUA. E em nossa conjuntura política nacional, marcada pelo fascismo tropical (Rosa, 2019), como a morte tem sido midiaticizada? Como estamos morrendo nesse cenário composto de pandemia, luto e tragédias, protagonizado por milícias, cloroquinas e parlamentares?

## **SE28. Múltiplos olhares sobre as Antropologias Latino-americanas : a Coleção editorial da ALA**

**Coordenação:** Miriam Grossi (UFSC), Rodrigo Toniol (UFRJ)

### **Sessão 1 - Antropologias da Argentina, da Colômbia e do México**

**Participante(s):** Axel Rojas (Universidad del Cauca), Lía Ferrero (ALA), Rosana Guber (CIS-IDES/CONICET)

**Debatedor(a):** Rodrigo Toniol (UFRJ)

### **Sessão 2 - Antropologias do Peru, do Uruguai, da Venezuela e do Chile**

**Participante(s):** Pablo Gatti (UdelaR - CFE), Pablo Gustavo Sandoval Lopez (UNMSM)

**Debatedor(a):** Gonzalo Díaz Crovetto (UCT / Chile), Miriam Grossi (UFSC)

### **Sessão 3**

**Participante(s):** Gregorio Tabakian (AUAS), Martha Patricia Castañeda Salgado (UNAM México), Rodrigo Toniol (UFRJ)

#### **Resumo:**

Propomos, neste Simpósio Especial, com duas sessões, trazer à comunidade antropológica brasileira a proposta editorial da ALA - Associação Latino-americana de Antropologia, de publicações sobre antropologias produzidas em diferentes países que compõem a associação. O simpósio terá a presença dos e das organizadores das coletâneas sobre diferentes países, que trarão em suas apresentações as principais características teóricas, metodológicas, temáticas e históricas das antropologias nacionais estudadas. Esta proposta está articulada à demanda da ABA de organização de volume sobre a Antropologia feita no Brasil, que está sendo organizada por Miriam Grossi e Rodrigo Toniol.

## **SE29. Nas artimanhas do poder: novas elites e produção de desigualdades no Brasil**

**Coordenação:** Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ)

### **Sessão 1**

**Participante(s):** Caio Pompeia Ribeiro Neto (USP), Piero de Camargo Leirner (UFSCar), Raquel Giffoni Pinto (UFF)

**Debatedor(a):** Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes (UFF)

### **Sessão 2**

**Participante(s):** Andrea de Souza Lobo (UnB), Caio Gonçalves Dias (MN/UFRJ)

**Debatedor(a):** Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE)

#### **Resumo:**

As elites continuam um campo de estudo ainda escasso na antropologia brasileira. Quando realizados a partir de recortes etnográficos localizados, podem lançar novas perspectivas de entendimento sobre a sociedade brasileira e, assim, contribuir, de forma inovadora, como ponto de partida reflexivo e de mediação empírica para a compreensão de novos fenômenos sociais. O fato de as elites contribuírem para o aumento da exclusão e desigualdade sociais, especialmente na conjuntura política e econômica atual, é aspecto a ser considerado.

Intencionando estimular este novo campo de pesquisa, propomo-nos discutir, a partir de um dossiê por nós organizado, intitulado O pacto contracivilizador e o entre-lugar das elites brasileiras: as ambíguas relações com o passado, o presente e porvir, algumas questões relativas à composição e o lugar que ocupam as novas elites ligadas ao agronegócio, setores religiosos, militares, da tecnologia da informação e prestação de serviços, entre outras. Na atual conjuntura, tais grupos controlam recursos específicos por meio dos quais adquirem poder político e vantagens materiais. Nesses termos, a proposta contempla também vislumbrar, a partir do ponto de vista de alguns desses pesquisadores, as possíveis tendências que influenciarão (ou não) os rumos do país após a disputa presidencial de 2022.

## **SE30. Os ataques à Antropologia, os laudos antropológicos como instrumento para a garantia de direitos e o universo dos contralaudos: um debate**

**Coordenação:** Alexandra Barbosa da Silva (UFPB), Eliane Cantarino O'Dwyer (UFF)

### **Sessão 1**

**Participante(s):** Alexandra Barbosa da Silva (UFPB), Eliane Cantarino O'Dwyer (UFF), Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL)

**Debatedor(a):** Fabio Mura (UFPB)

### **Sessão 2**

**Participante(s):** Cintia Beatriz Muller (PPGA/UFBA), Estêvão Martins Palitot (UFPB), Vinicius José Ribeiro da Fonseca Santos (ATI-INSEA)

**Debatedor(a):** Sérgio Góes Telles Brissac (Ministério Público Federal)

### **Sessão 3 - Roda de Conversa**

**Participante(s):** Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ), Carlos Augusto Ayres de Freitas Britto (Ministro aposentado do STF), Eliane Cantarino O'Dwyer (UFF), Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL), Maria Luiza Grabner (MPF), Mariana Balen Fernandes (UFRB)

### **Resumo:**

Tendo em vista um acumulado de ataques a antropólogas e antropólogos realizadores de laudos antropológicos, bem como à própria Antropologia como área de produção de conhecimento e aos próprios direitos étnicos e/ou socioculturais específicos, o presente simpósio visa a instaurar um debate sistematizado acerca dos conteúdos, agentes e agências que fomentam tais ataques. Trata-se de perquirir quais são os pressupostos, interesses, estratégias e discursos formulados, bem como as redes que os sustentam. Neste movimento, serão também abordadas questões de natureza ética e teórico-metodológica basilares da nossa disciplina e, portanto, dos laudos, buscando apontar a construção, no país, de princípios de indução de juízos contrários à garantia de direitos étnicos e/ou socioculturais estabelecidos em diversos dispositivos jurídico-legais brasileiros e internacionais.

## **SE31. Periódicos de Antropologia: Políticas de Avaliação, Citação e Divulgação**

**Coordenação:** Laura Moutinho (USP), Mariane da Silva Pisani (UFPI)

### **Sessão 1 - Sessão 1: Políticas de Avaliação e Fatores de Impacto**

**Participante(s):** Luiz Augusto Campos (IESP-UERJ), Marie-Hélène Sa Vilas Boas (Universidade Côte d'Azur), Ruben George Oliven (UFRGS)

**Debatedor(a):** Vinicius Kauê Ferreira (UERJ)

### **Sessão 2 - Sessão 2: Práticas de Publicação, Diversidade Epistemológica e Divulgação Científica**

**Participante(s):** Bernard Dubbeld (Stellenbosch University), Laura Moutinho (USP), Mariane da Silva Pisani (UFPI)

**Debatedor(a):** Vinícius Venancio (UnB)

### **Sessão 3 - Roda de Conversa: Conversa aberta com editores e editoras: desafios e perspectivas**

**Participante(s):** Hellen Caetano (UFRN), Vinícius Cosmos Benvegnú (PPGAS/UFAM)

#### **Resumo:**

Periódicos científicos cumprem um papel fundamental na definição não apenas das dinâmicas de circulação, mas também de renovação do conhecimento antropológico. Por um lado, eles representam uma importante ferramenta de avaliação da pesquisa por pares; por outro lado, são espaços de definição de formatos de escrita e legitimação de abordagens e autores. Recentemente, os periódicos de antropologia têm lidado com transformações profundas e oblíquas envolvendo: (a) o uso do fator de impacto como ferramenta de avaliação dos periódicos, (b) a emergência de novas formas de avaliação de artigos com a emergência dos preprints; e (c) a necessária diversificação epistêmica da disciplina. Soma-se a isso as dificuldades crescentes na gestão cotidiana de periódicos em razão de cortes drásticos no seu financiamento e/ou da falta de apoio da maioria das universidades. Neste contexto, este Simpósio Especial reúne editoras e editores de periódicos de antropologia do Brasil e do exterior em torno de duas sessões temáticas e uma roda de conversa que abordam: Sessão 1 - Políticas de Avaliação e Fatores de Impacto Sessão 2 - Práticas de Publicação, Diversidade Epistemológica e Divulgação Científica Roda de Conversa - Conversa aberta com editores: desafios e perspectivas

## **SE32. Quilombos, Meio Ambiente e Patrimônio**

**Coordenação:** Ana Paula Comin de Carvalho (UFRB) Luciana Gonçalves de Carvalho (UFOPA)

### **Sessão 1 - Quilombos e práticas patrimoniais**

**Participante(s):** Alvatir Carolino da Silva (IFAM) Beatriz Accioly Vaz (Ministério Público Federal) Julie Antoinette Cavnac (UFRN)

**Debatedor(a):** Luciana Gonçalves de Carvalho (UFOPA)

### **Sessão 2 - Quilombos e conflitos ambientais e territoriais**

**Participante(s):** Ana Paula Comin de Carvalho (UFRB), Leslye Bombonato Ursini (INSTIT. DE TERRAS DO PIAUÍ/UnB), Rosinalda Correa Da Silva Simoni (UNESP)

**Debatedor(a):** Mariana Balen Fernandes (UFRB)

### **Sessão 3 - Roda de Conversa - Panorama quilombola**

**Participante(s):** Davi Pereira Junior (University of Texas at Austin), Givânia Maria da Silva (UnB), Raimundo Magno Cardoso Nascimento (UFPA)

**Debatedor(a):** Ana Paula Comin de Carvalho (UFRB)

**Resumo:**

Tema caro à Antropologia, a indissociabilidade entre natureza e cultura perpassa a Constituição Federal de 1988 e pauta artigos voltados aos direitos das comunidades quilombolas e à manutenção de seus modos de vida. Malgrado a visão passadista das comunidades em questão, o texto constitucional pretende, na atualidade, conferir-lhes proteção nas dimensões territorial, ambiental e cultural, reconhecendo sua inseparabilidade. Em sentido inverso, porém, a legislação infraconstitucional e as normas infralegais que orientam práticas estatais apresentam zonas de superposição e lacunas que obliteram a premissa da indissociabilidade do meio ambiente natural e cultural. Em geral, quando não levam à inação do Estado, fomentam ações contraditórias no que tange à proteção do patrimônio das comunidades dos quilombos, com prejuízo dos direitos coletivos que a Constituição pretendeu conferir-lhes. Operando a disjunção entre natureza e cultura, portanto, conduzem a razão ambiental e a razão patrimonial a paradoxos frente aos quais as comunidades são instadas a 'negociar' alternativas à efetivação de direitos territoriais, culturais e ambientais. Neste simpósio, os comitês de Quilombos e de Patrimônios e Museus da ABA reúnem pesquisadores quilombolas e não quilombolas, alguns dos quais ligados a movimentos sociais, para discutir como tais paradoxos impactam as comunidades em conflitos ocorridos em diferentes regiões do Brasil.



# 33ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

CURITIBA – 2022

[www.portal.abant.org.br/evento/rba/33RBA](http://www.portal.abant.org.br/evento/rba/33RBA)

ISBN: 978-65-87289-23-6

## Realização:



## Apoio:



## Organização:

